

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

EDUCAÇÃO DE TERREIRO NO QUILOMBO E ROÇA MANZO DIÁ LUANGO EM SÃO FRANCISCO-MG: ENTRE ENSINAGENS E APRENDÊNCIAS

Wellington Coimbra Ferreira, Heiberle H. Horácio

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.8264>

Submetido em: 2024-03-14

Postado em: 2024-04-25 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

EDUCAÇÃO DE TERREIRO NO QUILOMBO E ROÇA MANZO DIÁ LUANGO EM SÃO FRANCISCO-MG: ENTRE ENSINAGENS E APRENDÊNCIAS

WELINGTON COIMBRA FERREIRA¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3734-9519>
wellcoimbra213@gmail.com

HEIBERLE H. HORÁCIO²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4486-1764>
heiberle@hotmail.com

¹ Universidade Estadual de Montes Claros. Montes Claros, MG, Brasil.

² Universidade Estadual de Montes Claros. Montes Claros, MG, Brasil.

RESUMO: Este artigo, partindo da compreensão que há Educação das Comunidades Tradicionais de Terreiro, que há Ensinagens de Terreiro, busca apresentar autoras e autores que compartilham dessa compreensão, bem como apontar a relação entre Ensinagens, Ensinamentos, Ensinadoras(es) e Aprendizagens nos processos educativos de terreiro, designadamente na Manzo diá Luango, importante quilombo e roça de Candomblé de Angola - na cidade de São Francisco, em Minas Gerais - território em que este trabalho foi gerado por anos.

Palavras-chave: Educação, Ensinagem, Axé, Terreiro, Manzo diá Luango

EDUCATION OF TERREIRO IN QUILOMBO AND ROÇA MANZO DIÁ LUANGO IN SÃO FRANCISCO-MG: BETWEEN ENSINAGENS E APRENDÊNCIAS

ABSTRACT: This article, based on the understanding that there is Education of the Traditional Communities of Terreiro, that there are Ensinagens of Terreiro, seeks to present authors who share this understanding, as well as pointing out the relationship between Ensinagens, Teachings, Teacher(s) and Aprendizagens in educational processes in terreiro, namely in Manzo diá Luango, an important quilombo and terreiro de Candomblé de Angola - in the city of São Francisco, in Minas Gerais - territory in which this work was generated for years.

Keywords: Education, Ensinagem, Axé, Terreiro, Manzo diá Luango.

EDUCACIÓN DE TERREIRO EN QUILOMBO Y ROÇA MANZO DIÁ LUANGO EN SÃO FRANCISCO-MG: ENTRE ENSINAGENS E APRENDÊNCIAS

RESUMEN: Este artículo, partiendo del entendimiento de que hay Educación de las Comunidades Tradicionales de Terreiro, que hay Enseñanzas de Terreiro, busca presentar autores que comparten este entendimiento, además de señalar la relación entre Ensinagens, Enseñanzas, Maestro(s) y el Aprendizagens en los procesos educativos en el terreiro, concretamente en Manzo diá Luango, importante quilombo y en el terreiro de Candomblé de Angola - en la ciudad de São Francisco, en Minas Gerais - territorio en el que este trabajo se generó durante años.

Palabras clave: Educación, Ensinagem, Axé, Terreiro, Manzo diá Luango.

INTRODUÇÃO

Este artigo¹, partindo da compreensão de que há Educação nas Comunidades Tradicionais de Terreiro, de que há Ensinagens de Terreiro, de que Educação é Axé, busca apresentar autoras e autores que compartilham dessa compreensão, bem como apontar a relação entre Ensinagens, Ensinamentos, Ensinadoras(es) e Aprendizagens nos processos educativos de terreiro, designadamente na Manzo diá Luango, importante roça de Candomblé de Angola na cidade de São Francisco-MG, território em que este trabalho foi gerado por anos.

O pesquisador Luiz Rufino, por exemplo, destaca que a “educação é axé que opera na vitalização dos seres (2019, p. 270). O axé dentro de um terreiro é “(...) uma força que produz conhecimento” (Kileuy; Oxaguiã, 2020, p. 41) e, desse modo, a educação em uma perspectiva de terreiro é uma força de produção de conhecimento, cujo processo traz vida aos indivíduos e, por isso, a educação de axé

compreende-se como os processos educativos vividos nos cotidianos dessas populações, uma espécie de habitus experienciado no tempo/espaço dos contextos afro-religiosos. Essas formas de educação praticadas nesses contextos educativos redimensionam a problemática educativa em relação à diversidade, revelando modos de educação como cultura (Rufino, 2019, p. 270).

Esse modo de fazer a educação é característico dos Povos de Santo devido à sua vivência, onde a educação é uma experiência corpórea. A educação entendida na afro-religiosidade movimenta os saberes que se assentam na prática educativa em relação à diversidade, de modo a colocar essa educação enquanto cultura produzida e produtora com e desses sujeitos. Rufino vai destacar, por exemplo, que “a educação de axé reivindicada pelos praticantes das comunidades de terreiro opera como uma espécie de educação intercultural, que vincula a experiência social do terreiro, balizada em suas tradições, com o restante do mundo” (2019, p. 270).

EDUCAÇÃO E ENSINAGENS

A educação em terreiro possui um caráter dialógico entre a realidade do terreiro e o resto do mundo, evidenciando que a educação de terreiros transcende as supostas barreiras do terreiro. Oliveira e Almirante destacam a especificidade da educação em terreiro²:

Um terreiro preza por passar seus conhecimentos a quem se mostra ativo nos afazeres da comunidade e possui tempo suficiente para passar de fase de aprendizado, o que não necessariamente segue uma ordem cronológica, no sentido em que se pode encontrar crianças portadoras de um saber sobre o terreiro que em muito ultrapassa aquele possuído por adeptos adultos (Oliveira; Almirante, 2014, p. 152).

O espaço do terreiro é constituído enquanto um lugar educador que transcende a temporalidade e possui uma metodologia de ensino e aprendizagem própria, a educação ocorre a partir da experiência no lugar, o espaço é também um educador.

¹ Destacamos que este trabalho deriva-se de uma dissertação defendida, e que seu projeto fora submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa, sendo aprovado pelo mesmo (Parecer: 5.656.943), como também declaramos que o Termo de Consentimento Livre Esclarecido, foi entregue e assinado pelos participantes deste trabalho.

² [...] o processo de aprendizagem se realiza numa dimensão essencialmente comunitária, a observação e aprendizagem dos ritos, dos saberes do Candomblé, não ocorrem apenas numa dimensão individual, mas também, e poder-se-ia mesmo dizer que principalmente, no seio da coletividade, não olvidando, contudo, que tal comunidade é complexa e heterogênea (Oliveira; Almirante, 2014, p. 153).

O espaço do terreiro compreende um lugar atemporal e possui métodos próprios de aprender e de ensinar. Os nossos mais velhos aprenderam a fazer observando, imitando e admirando os seus mais velhos nos seus saberes e fazeres. Como que obedecendo a uma cadeia para a manutenção, continuidade e expansão da cultura do povo de santo cabe-lhes ensinar como aprenderam para que os mais novos possam dar continuidade à tradição. De fato, o ato de ensinar na comunidade de terreiro significa colocar o outro dentro do seu odu, dentro da sua própria sina, do seu caminho, do seu jeito de ser no mundo do jeito como ele é (Machado, 2013, p. 41).

A educação de terreiros é uma atividade educativa da observação como um componente de aprendizagem tal qual a imitação e a admiração aos mais velhos e seus modos de conhecimento. Esses processos educativos possuem objetivos como a manutenção/atualização da cultura e da tradição. A pesquisadora Vanda Machado destaca um ponto importante dessa educação, que é a apresentação da palavra ensinar como “em-sinar” e que essa palavra, escrita desse modo se diferencia da ideia de ensinar que comumente é vista, ou seja, como o ato de repassar ensinamentos sobre algo. No caso do em-sinar, ele é entendido como o ato de colocar a pessoa na sua sina, no seu caminho, na sua vivência. E assim, para o também pesquisador Tássio Ferreira

[...] em-sinar, subverte a lógica ocidental que considera o estudante como uma caixa de depósito (neste caso, ausente de saber), para inseri-lo/la como gestor de seu percurso. Portanto, responsabiliza a pessoa pelo trajeto, com sucesso ou insucesso, porque esta seleciona experiências para a sua formação, para o seu caminho (Ferreira, 2021, p. 43).

Tássio Ferreira dialoga e apresenta uma ideia complementar à de Vanda Machado acerca do ato de em-sinar, defendendo que essa atitude educacional subverte a lógica em que se compreende o estudante como um espaço para se depositar o conhecimento; essa compreensão do sujeito como depósito já fora denunciada por Freire (2020) na crítica à concepção bancária de educação. Portanto, o ato de em-sinar considera a pessoa como responsável pelo seu percurso, ela é responsável pelo seu trajeto, independentemente se caminhará para o sucesso ou não, pois a ela é dada o poder de selecionar as experiências que comporão o seu caminho formativo.

Ocorre, nessa perspectiva, uma aproximação entre esse modo educativo e a concepção da educação como prática de liberdade de Paulo Freire, pois para Freire toda educação que se compreende enquanto libertária não pode entender o sujeito como um depósito de conteúdo, um indivíduo vazio que precisa “ser enchido”, como também não pode entender um sujeito mecânico, mas entender o sujeito consciente e sua consciência em relação ao mundo material. A educação como prática de liberdade precisa ser aquela que está entre os sujeitos e suas problematizações em relação ao mundo (Freire, 2020).

Há uma comunicação entre os três autores, em que Vanda Machado e Tássio Ferreira se encontram com Paulo Freire, e a educação como prática de liberdade está sendo “praticada” como ensinagens de terreiro. Ainda acerca desse processo de educação, intitulado em-sinar, concordamos com Machado, pois:

Entendemos este jeito de ensinar como um modelo de educação oportuna e desveladora, porque cada ensinamento corresponde a um desejo ou algo a ser desvelado pela necessidade de aprender para ser o que se é sendo. Educar na vida. Esta é a essência de uma forma de transmissão da sabedoria como patrimônio cultural e religioso (Machado, 2013, p. 42).

A perspectiva do em-sinar entende o processo educativo relacionando com o sujeito que aprende, em que o ensinamento ocorre juntamente com o processo de ser do indivíduo, e como mencionará Paulo Freire “a educação se refaz constantemente na práxis. Para ser tem que estar sendo” (2020, p. 102). Ou seja, o ato educativo é um processo dialógico e que se movimenta para os atos de ser, e é de terreiro em que “aprende-se para ensinar aos menos experientes. O ato de em-sinar é o que legitima a maioria e a iniciação dos membros da comunidade” (Machado, 2013, p. 22).

Além do em-sinar, Tássio Ferreira apresenta o que seria a ensinagem³, i.e., o ato de em-sinar aplicado em um contexto educacional, se relacionando com o terreiro:

As ensinagens no sentido da promoção da autonomia do indivíduo, como já reivindicava o professor Paulo Freire, integra todas as partes do processo de experiência diante do conhecimento, não permitindo que o/a estudante conheça apenas uma perspectiva das coisas. Não há economia de informações ao mediar um processo pedagógico, por que é preciso respeitar a sina de cada um/uma, mas não no sentido de poupá-lo/la do saber, e, sim, no sentido de entregar a este/ está a chave de seu caminho (Ferreira, 2021, p. 45).

A ensinagem assim é uma ação educativa que buscaria promover a autonomia daqueles que estão aprendendo, sendo a ensinagem o componente de todo os processos, de modo que os “estudantes” tenham conhecimento de todos os lados e que tenham acesso a todas as informações que têm direito, com o objetivo de que sua sina seja respeitada e que eles possam trilhar o seu próprio caminho. Essa educação integrativa, segundo o próprio autor, evidencia a proximidade com os pensamentos freirianos. Essas máximas educacionais das Ensinagens de Terreiro, segundo Tássio Ferreira

[...] passam por cinco caminhos distintos que circulam entre si. Estes caminhos me ajudam a compreender um sistema de ensino que se dá: de modo integral (não permitindo o particionamento); de modo circular, (retroalimentando-se); de modo corporal (e neste reverberando); de modo ancestral (considerando valores imateriais); de modo místico (considerando a experiência viva) (Ferreira, 2021, p. 45).

Designadamente no Candomblé, que é uma religião iniciática, não se segue um ordenamento necessariamente cronológico, e sim um processo em que as pessoas que constroem e são acrescidas do conhecimento até atingirem a sua maioria religiosa. Logo, desde a entrada em um terreiro até a sua maioria, se aprende e se ensina. Essa entrada no terreiro começa enquanto N'Dumbi⁴ e se encerra com o título de Mam'etu⁵ ou Tat'etu⁶.

Assim “o N'dumbi é a fase da observação, da escuta, do aprender pelo ouvir/ ver” (Ferreira, 2021, p. 76). Uma pessoa que não se inicia na religiosidade de matriz africana, mas que se identifica e participa das atividades, aprende a partir da observação das atividades, aprende a partir do que se pode escutar, pois “viver no terreiro, sendo feita ou não, é estar pronto para construir seus saberes a partir de um novo espaço interno” (Machado, 2013, p. 56). Nós podemos verificar que a observação e a escuta são processos de aprendizados significativos nessa educação. Esse processo descrito acima por Machado é confirmado pela Stela Caputo, quando ela diz no seu trabalho que “no terreiro, nada se pergunta, tudo se aprende vendo e ouvindo” (2012, p. 95).

A perspectiva educativa do Candomblé ocorre após a entrada, e nesse processo ocorre a iniciação ou feitura dentro da religião, que é carregada de aprendizados, em que “a iniciação ou a feitura é o que nos faz filhos do universo em sua totalidade. Aprendemos pelo ensinamento de histórias para o cuidado com a natureza no sentido de respeitar-lhe o equilíbrio e não perturbar as forças que a animam na sua extraordinariedade” (Machado, 2013, p. 17).

Vanda Machado, que apresenta uma visão e a aprendizagem de uma iniciada no Candomblé, indica a percepção sobre como ocorrem as aprendizagens, que são o que se absorve das ensinagens. Esse processo é fundamental uma vez que “das aprendizagens da iniciação, portanto, é que se cria a relação com o mundo das forças que animam a vida e que, pouco a pouco, conduzirão este ser ao autoconhecimento e à condição de guardião do mundo vivo” (Machado, 2013, p. 18). A ensinagem é o todo do processo educativo, a totalidade educacional, enquanto a aprendizagem é o diálogo entre os sujeitos

³ O termo ensinagem foi cunhado pela professora Léa das Graças Anastasiou em que “significa uma situação de ensino da qual necessariamente decorra a aprendizagem, sendo a parceria entre professor e alunos a condição fundamental para o enfrentamento do conhecimento necessário à formação do aluno durante o cursar da graduação” (Anastasiou, p. 20, 2015).

⁴ N'dumbi são às pessoas que não foram iniciadas no Candomblé (Ferreira, 2021).

⁵ Mam'etu é o mesmo que mãe (Ferreira, 2021). No candomblé banto é o nome a que se refere à mãe de santo (Lopes, 2011).

⁶ Tat'etu significa nosso pai, no candomblé banto é o mesmo que tata de inquite e que se refere ao popular pai de santo (Lopes, 2011).

que ocasionam o ato educativo. A feitura então carrega consigo um lugar de aprendizagens e, como observado, não se restringe ao ensinamento religioso, mas oportuniza um conhecimento relacional com o mundo e muitos outros aprendizados, pois

No terreiro, pelas vivências, aprende-se a ser-sendo participando dos fazeres comunitários. Busca-se, então, compreender mais profundamente o ser. Esta é a condição para complementaridade entre os acontecimentos e a qualidade do que se é essencialmente. No terreiro, aprende-se pela rememoração vivenciada seguindo múltiplos códigos de comportamentos específicos para a vida comunitária comprometida, inclusiva e solidária (Machado, 2013, p. 42).

A partir do trecho acima é possível perceber dois pontos, o primeiro é o aprender a ser, e isso só é possível sendo, experiencialmente, e esse entendimento aproxima os pensamentos de Vanda Machado e de Paulo Freire. O outro ponto que aproxima os dois pensamentos, é a perspectiva comunitária, que na ensinagem é muito importante para o aprendizado dentro do terreiro e que, para, além disso, é fundamental o como se aprende e os objetivos desse aprendizado.

Ainda na perspectiva da feitura no Candomblé e suas ensinagens, após a iniciação o N'dumbi torna-se então muzenza⁷ e nesse lugar a pessoa continua as suas aprendizagens, como também ganha alguns direitos, pois:

Quando se é Muzenza, inicia-se o processo de fala, de modo tímido, como uma criança. Aos três anos de iniciada ela atingirá a fase intermediária, próximo ao que chamamos de adolescência. Neste degrau da vida espiritual já se pode falar mais, contudo a muzenza ainda carece de mais conteúdo, de uma maior segurança nas afirmações. Finalmente, quando tornar-se Mam'etu, lhe chegará o direito de falar mais amplamente, porque sete anos se passaram, carregando com eles a experiência que traz um discurso sólido sobre uma visão inicial do Candomblé – nesta fase se completa a maioridade no axé (Ferreira, 2021, p. 76).

No passo em que a pessoa segue o seu processo de aprendizado e consegue caminhar nas etapas que deve conquistar, ela cresce o seu conhecimento, o seu conteúdo e à medida que isso acontece ela também passa a ter autonomia e a poder realizar com mais segurança a ensinagens dentro do terreiro enquanto continua o seu processo de aprendizagens até essa pessoa vir a ser um Mam'etu ou a um Tat'etu.

Nessas ensinagens e aprendizagens, Tássio Ferreira apresenta que o “terreiro é escola, em seu sentido mais ampliado, que possibilita o pertencimento, a autonomia e o protagonismo para as pessoas de axé” (2021, p. 57). Desse modo, o terreiro possui objetivos educacionais que se relacionam com o desenvolvimento do sujeito, e essa “escola” gera sentimentos substanciais para os indivíduos que se relacionam com a mesma.

Ainda conforme o autor supracitado, “o terreiro antepara uma formação não diplomizada, que garante, do ponto de vista da sociedade geral, profissionalização, escolarização, produção de pesquisa e conhecimento que circula” (Ferreira, 2021, p. 57). É necessário pontuar que “nas comunidades tradicionais afrodiáspóricas o sistema de aprendizado não se constrói como instituição. Ele é a ação performática que se institui e reconstitui, faz e desfaz, sem que se tenham claramente o desenho do início e do fim, circulando, permitindo a visibilidade de todos” (Ferreira, 2021, p. 92). Esse apontamento exemplifica que a ensinagem de terreiro, apesar de ser um ato educativo, não se inscreve em modos escolares formais de educação, mas sua ação acontece retroalimentando-se em um processo performático e que é movimentado, sendo possível que todos possam observar⁸.

⁷ Muzenza é o iniciado no candomblé, o noviço, a criança (Ferreira, 2021). Diz-se de todos os iniciados no candomblé banto e que não possui os sete anos dados.

Importa destacar que a perspectiva assumida neste artigo possui necessárias afinidades com as possibilidades abertas pelos entendimentos que reconhecem os Movimentos Sociais como Educadores, os Povos e Comunidades Tradicionais como Educadores, e defendem suas educações e seus regimes de conhecimento nas escolas. Para leitura a partir dessa compreensão, ver Horácio, 2023.

⁸ Importa destacar que a perspectiva assumida neste artigo possui necessárias afinidades com as possibilidades abertas pelos entendimentos que reconhecem os Movimentos Sociais como Educadores, os Povos e Comunidades Tradicionais como

O terreiro em que se constitui o Candomblé é um espaço sagrado para aqueles que ali cultuam suas crenças, e esse espaço singular possui características e processos de aprendizagem como um todo. Na escola existe um espaço dedicado para o ato de ensinar e aprender, uma sala de aula, o terreiro não possui esse lócus, de modo que todo o espaço é um lugar de ensinagens e aprendizagens, pois “no terreiro nada está fora do lugar, tudo faz sentido e tem uma forma de ensinar” (Ferreira, 2021, p. 91). Assim, todo o espaço em que se constitui como um lugar sagrado para os adeptos, à disposição do terreiro, as casas de santo, as plantas que ali existem, configuram em um sentido que se ensina e se aprende, pois “somente com um rápido passeio atento aos espaços sagrados de um Terreiro teremos uma grande aprendizagem acerca do lugar do humano na sociedade: o barracão é a esfera social, apresentando este ou aquele filho de santo publicamente para o mundo” (Ferreira, 2021, p. 84).

Com essas falas acima é possível compreender que o espaço é capaz de ensinar e que o sujeito pode aprender apenas estando nesse lugar que se constitui de aprendizagens de vários aspectos, que se inscrevem de inúmeras formas e que se relacionam com a pessoa enquanto sujeito na sociedade. Como menciona Paulo Freire: “há uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço” (2000, p. 50). Freire afirma o espaço enquanto educativo/ pedagógico e podemos entrelaçar com o terreiro, ou seja, o terreiro é pedagógico.

Nesse diálogo com a pedagogicidade do terreiro, nada que se apresenta ali existe apenas por existir e nem está isolado em seu estado de significados, pois

o pensamento de matriz africana não separa a pessoa, os animais, o ar, a água, o fogo, a terra nem as folhas. Uma árvore não é apenas uma árvore, uma unidade biológica. A árvore é parte do ser nascida da terra mãe e de toda natureza (Machado, 2013, p. 77).

O espaço físico não se separa das pessoas que se relacionam com ele. Esse espaço, e sua disposição, é também um sujeito que ensina aos que imergem naquele lugar. Para Vanda Machado, “a experiência de ver, comparar e dialogar sobre a paisagem do terreiro amplia em 100% a vivência no que diz respeito ao uso adequado da linguagem e todas as suas possibilidades mentais” (2013, p. 76). Assim, o espaço auxilia no processo de aprendizagem dentro do terreiro.

Percebendo a constituição do espaço como fundamental para que as pessoas possam aprender, de acordo com Tássio Ferreira, um desses espaços bastante importante para esse processo é a cozinha, pois “todo mundo” passa pela cozinha, sendo que “a cozinha funciona como o coração do terreiro – uma das maiores salas de aula do Terreiro-escola” (Ferreira, 2021, p. 85). A cozinha não é apenas um espaço em que se faz a comida, é um espaço educativo e pode ser visto como uma sala de aula, uma das maiores.

Desse modo, o terreiro educa, de vários modos e em vários aspectos, se o terreiro-escola possui um espaço que ensina, possui também alguém responsável para realizar essa atividade, onde no terreiro “há a figura do(a) tutor(a) que ensina à tutela seu modo de enxergar e compreender o mundo, como se portar em casa e fora de casa, as atividades que devem ser desempenhadas no lar” (Oliveira; Almirante, 2014, p. 159). O tutor é um professor, um ensinador que se responsabiliza em auxiliar nas aprendizagens do seu tutelado e o apresenta à sua forma de ver o mundo, confirmando o papel do ensinar que é trazer a pessoa para o seu caminho, à sua visão de mundo e às atividades que devem ser exercidas. Assim,

[...] compreende-se o Terreiro, no contexto da aprendizagem, como esta escola que se compromete com uma formação horizontalizada – ainda que mantenha distintamente sua hierarquia, em outras perspectivas – plural, ecológica, sustentável tanto no sentido socioambiental, quanto na própria natureza do pensar (Ferreira, 2021, p. 82).

A partir das exposições, o terreiro pode ser interpretado como um espaço educacional com objetivos, que possui um eixo formativo horizontal – a horizontalidade enquanto todos sendo aprendentes e ensinadores de si e dos outros – mesmo que dentro dessa suposta escola existam

hierarquias. O terreiro é uma escola que entende a pluralidade e muitas outras disposições formativas para o sujeito que adentra o seu espaço e se torna parte daquele lugar.

Importa destacar que a despeito das afinidades e semelhanças, os terreiros não são iguais, tampouco o(s) Candomblé(s), e o de que estamos juntos é um Candomblé de Angola, na cidade de São Francisco, o Manzo diá Luango.

A MANZO DIÁ LUANGO É DE ANGOLA - A CASA É DE ANGOLÁ

No que tange ao Candomblé, este não é homogêneo, pois existem várias nações dentro do Candomblé, e cada uma delas diz respeito a um grupo de povos em regiões de África. Assim, os bantos são compreendidos como os povos provenientes do Congo e da Angola. Por isso, o Candomblé de nação banto é compreendido também como Candomblé de Angola, ou Congo-Angola.

No que tange a raiz banta, o Candomblé de Angola se diferencia dos outros Candomblés de outras nações pela presença do Caboclo e pelo culto ao Nkisi⁹, e a Manzo diá Luango é um quilombo e roça de Candomblé de Angola.

A Manzo diá Luango é uma comunidade quilombola e candomblecista situada em São Francisco – MG. Há no portão de entrada no canto direito, um pote com uma cabaça, e assim que se adentra à Manzo dá-se de frente com uma pequena casa, ao lado dessa há um pequeno canteiro com algumas imagens, e o N'zila que guarda o portão. Ali há também o busto de um homem negro com um ritari¹⁰. A casa em que N'zila está encostado é a de Pambunjila, uma casa com um portão e uma janela e acima dela possui duas cabaças uma preta e uma vermelha. Nesta construção estão os assentamentos dos N'zilas dos filhos da Manzo diá Luango – sua disposição fica fora do que é entendido como sagrado pela presença constante de álcool que não se permite dentro do espaço sagrado da Manzo diá Luango.

O quilombo possui uma parte comum e uma parte considerada sagrada para os adeptos. Na parte comum ficam as residências e na parte sagrada fica o terreiro de Candomblé. Ao lado da casa de Pambunjila há dois umbuzeiros. A entrada para a residência do Tat'etu Izominolê e sua família, virando à direita há um espaço coberto com uma mesa grande de madeira e um pé de tamarindo – nessa parte ocorrem as confraternizações do quilombo – e ao lado um espaço com mangueiras e uma cozinha com churrasqueira. Ao fundo, há as casas do Tat'etu Izominolê e do Tat'etu Nidenvulo. O quilombo é composto por diferentes espécies vegetais.

A introdução para o terreiro – a parte considerada sagrada pelos adeptos– fica próxima ao portão de entrada e em frente à casa de N'zila. Na entrada há dois pequenos coqueiros e uma casa com porteira com o nome do terreiro inscrito em uma grande placa. O acesso é ladeado por pequenas pedras, que simulam um grande machado, e no meio dessa entrada há uma congada, onde é realizada a fogueira de Luango¹¹. A entrada para o lado interno da mabaia¹² é feita por um acesso central de escadas e duas rampas laterais. Em cada lado da escada há duas toras de madeira, cada uma com uma máscara africana, e duas pilastras, que seguram uma marquise, e sobre a marquise há um jarro de barro e uma serpente ornamental. A parte frontal da mabaia é feita por uma grande porta, e em cada lado duas janelas.

Antes de adentrar ao barracão há no espaço do terreiro pequenas casas para as divindades, que vão de Nkosi à Lembarenganga¹³.

No lado direito da entrada há algumas plantas e o assentamento de Kitembo. O assentamento de Kitembo reside no bakise¹⁴ de Tempo, dentro dele há uma gameleira branca e próximo a ele, há um

⁹ Muitas vezes são postos como divindades semelhantes com apenas a nomenclatura diferente, contudo o candomblé banto cultua os Nkises, os que cultuam os orixás são o candomblé de nação iroubá e os de nação fon cultuam os voduns.

¹⁰ Ritari em bantu significa pedra, de acordo com Tat'etu Nidenvulo.

¹¹ A fogueira de Luango é uma tradição da Manzo diá Luango que nasce a partir de uma promessa feita pelo Nidenvulo ao Nkisi Luango, e assim, acontece toda quarta-feira.

¹² Mabaia é o nome dado para o espaço em que ocorrem as festividades do Candomblé de Angola, comumente chamado de barracão.

¹³ As divindades do Candomblé de Angola são, além de Pambunjila: Nkosi; Katendê; Mutakalambô; Nzazi; Luango; Kitembo; Kavungo; Angorô; Nzingalumbondo; Matamba; Karamose; Kaiaia; Ndandalunda; Telekopensu; Nvunji. Zumarandá; Lembá; Nkasutê e Lembarenganga.

¹⁴ De acordo com o Tat'etu Nidenvulo, bakise significa quarto.

mastro enorme de madeira com uma bandeira branca levantada – essa bandeira é a identificação que naquele lugar possui um terreiro de Angola.

A constituição da Manzo diá Luango aconteceu a partir da história da família¹⁵ do quilombo, essa família é formada por Tabanderê¹⁶, Izominolê¹⁷, Makudiandembu, Nidenvulo, Kiambianzazi¹⁸. Atualmente, a continuidade do processo de construção da Manzo ocorre juntamente com sujeitos que hoje são filhos de santo da casa, e que assim como as pessoas supracitadas, possuem nomes iniciáticos.

A Manzo diá Luango que se revela/desvela de um pedido de Luango, conforme os relatos no terreiro, existe após a acomodação entre as vertentes religiosas na família mais ampla, em que uma parte da família permaneceu na Umbanda, e a outra parte, com Tabanderê e sua família, se constituiu no Candomblé. Esse processo constitutivo contou com a participação daqueles que são consanguíneos, juntamente com aqueles que viriam a se tornar familiares de santo. A Manzo diá Luango possui em sua constituição até o presente momento, aproximadamente, sessenta participantes ativos, sendo que vinte e quatro pessoas são iniciadas no Candomblé.

Este artigo foi gerado após anos de convivência e existência na Manzo, e nessa relação em que observamos as Ensinagens de Terreiro, e dentro dessa perspectiva selecionamos processos de ensinagens que relacionam as ensinagens, os ensinamentos, os ensinadores desta educação e as aprendizagens

ENSINAGENS, ENSINAMENTOS, ENSINADORES E APRENDÊNCIAS

As ensinagens no terreiro possibilitam ao sujeito aprendizagens significativas e específicas para cada um. Ou seja, para além dos aprendizados comuns e coletivos, os sujeitos experienciam processos próprios de educação e aprendizagem (Machado, 2013). Os modos dessa ensinagem no terreiro são realizados a partir da horizontalidade, de maneira que o educador não se coloca em um lugar de único detentor do saber, até porque, uma das características do Candomblé é a coletividade, como já mencionado.

No período de observação, nós conversamos com quatro filhos da Manzo diá Luango sobre as aprendizagens de terreiro. Duas dessas pessoas foram as muzenzas Farabeui¹⁹ e Kindemburê²⁰. Conversando com Farabeui e Kindemburê ouvimos deles quais aprendizados de terreiro entendem e levam para a vida; ambos falaram que um dos aprendizados que tiveram é o de que o conhecimento é acumulativo e que sempre podemos aprender mais, pois dizem que nunca sabem de tudo e mesmo aqueles que sabem muito (mestres e doutores) não sabem o suficiente e podem sempre aprender. Eles mencionam que o aprendizado da escuta é algo que eles levam para a vida.

O Candomblé é um estudo diário. Esta frase foi proferida por Nidenvulo durante as nossas conversas e exemplifica um dos aprendizados detalhados acima pelas muzenzas, pois os conhecimentos são diversificados e diferentes, assim o aprendizado é para e por toda a vida. Além disso, todos relataram que aprenderam a escutar mais, ouvir o outro, ao invés de falar.

Em outro momento acompanhei a Tabanderê em uma reunião na cidade para tratar de questões relativas aos “direitos à cultura” pela sua comunidade, a pedido da própria Tabanderê. Nesse momento duas ensinagens saltaram aos olhos, uma implícita e outra explícita. Durante a reunião foi possível observar a obstinação para com a justiça, especificamente relacionada aos direitos e a execução de projetos pela comunidade. Ao final da reunião, quando retornávamos para o terreiro, falávamos sobre os aprendizados e Tabanderê expôs sobre os seus aprendizados, tendo sido enfática em dizer que o seu

¹⁵ Utilizamos os nomes iniciáticos (dijinas) para assegurar o respeito aos participantes deste trabalho.

¹⁶ Tabanderê é a matriarca da família, na Manzo diá Luango com participação efetiva na história do quilombo, da Umbanda e do Candomblé.

¹⁷ Izominolê se desenvolveu na Umbanda dos familiares de Tabanderê, na Tenda do Caboclo Pena Branca e iniciou o processo de constituição do Candomblé, em São Francisco.

¹⁸ Makudiandembu, Nidenvulo e Kiambianzazi são filhos de Tabanderê e Izominolê, do mais velho à mais nova, respectivamente. Foram os dois mais velhos, Makudiandembu e Nidenvulo, os responsáveis pela constituição do Candomblé, após a acomodação das diferentes religiões.

¹⁹ Farabeui é uma muzenza de Telekopensu, filho de santo nascido na Manzo diá Luango.

²⁰ Kindemburê é uma muzenza de Kitembo, filho de santo nascido na Manzo diá Luango.

maior aprendizado é de que todas as pessoas estão em um processo de constante aprendizado, estão em evolução e que ela percebe isso em suas ações e vivência. A ensinagem implícita se relaciona com a busca pela valorização com a identidade e cultura. Segundo Tabanderê o aprendizado se relaciona com o próprio autoconhecimento e reconhece isso a partir da sua vivência.

O outro sujeito com quem conversamos foi o Tata Orumafá. Segundo Orumafá no terreiro se aprende a ser grato e a amar, amar tanto o Nkisi quanto as pessoas com quem há relações, mesmo que às vezes ocorram desencontros, o amor prevalece, pois essa aprendizagem faz com que as diferenças existentes e os conflitos não se sobreponham ao amor, força reorganizativa. Portanto, a aprendizagem para o Tata é pela gratidão e o amor.

Essas observações apresentam o caráter das ensinagens pela modificação do sujeito, que passa a ter uma compreensão e outra visão a partir das relações com o Candomblé, as ensinagens e as vivências de terreiro. Essas aprendizagens, apesar de particulares são coletivas na medida em que a ensinagem é coletiva, e individual, pois é a aquisição do sujeito, com a relação coletiva.

As Ensinagens são os processos educativos realizados no Candomblé e que impactam significativamente a vida daqueles que são adeptos. Esse processo se torna efetivo a partir daquele que ensina aos mais novos os conhecimentos. Se as Ensinagens são processos outros, os educadores ou ensinadores também os são. Por exemplo, em certo momento a Panzulusena²¹ não sabia bater maku²², assim o Tata Jisambê ajudou-a nesse processo. No Candomblé é aprendido que todos possuem o direito de não saber e assim poder aprender. Nos momentos em que as pessoas não estão realizando atividades, elas podem escolher um lugar e reunir para conversar, se divertindo, trocando conhecimentos.

Ao ensinar no terreiro, o sujeito educador se apresenta ao lado do educando, não acima e nem distante do mesmo, e junto a ele, realiza o processo educativo. No momento observado, ao realizar o ato de bater maku, o Tata Jisambê se acomodou ao lado da aprendente e junto a ela ensinou e acompanhou o processo da mesma. O Tata no Candomblé é um educador e os modos de educar são outros, como observado com a Makota Sumbukenan que, ao realizar as atividades rituais é bastante rigorosa e concentrada, mas no momento em que alguém se apresenta para aprender, a disposição para ensinar é presente, é ensinado que todo momento é um momento em que há aprendizado e que todos que quiserem aprender, aprendem. Ao verificar que alguém sabe, ela mostra o seu jeito de fazer, jamais negando o saber do outro sobre aquilo, apenas apresentando a sua percepção – nesse momento alguém falou o modo como fazia determinada função, Sumbukenan então disse: “Olha isso é interessante, lá nós fazemos assim”, e então demonstrou o processo de fazer. Pudemos observar que não há idade para aprender, como também não há para ensinar, apenas ensina quem sabe o que se sabe.

O educador no terreiro está disposto a ensinar, mesmo nos momentos rituais em que é preciso haver uma rigorosidade, isso não se torna um empecilho para poder aprender. Outro ponto é que ao conversar com alguém que já possui um conhecimento, os modos desses não são descartados, o ensinador evidencia o conhecimento e apresenta o seu modo de realizar aquele processo, para que o aprendente possa ter outra visão, caso ele queira realizá-la.

Um Tata e uma Makota são educadores dessa pedagogia ancestral, circular, mística, corporal e integral. Nas observações realizadas, nós acompanhamos o momento ritual em que duas pessoas são suspendidas como Makota e Tata respectivamente. Após as cantigas e os atos, encerra-se a atividade ritual cantando para o Nkisi Lembarenganga. Num dos dias que observamos²³ haveria duas atividades, a suspensão de duas crianças que viriam se tornar cargos de Candomblé. A primeira, uma menina que seria suspensa para Makota, nesse momento o Nkisi Angorô segura em seu braço e junto com as outras makotas cumprimentam os quatro pontos da casa (Norte, Sul, Leste e Oeste), enquanto o Xicaringoma

²¹ Panzulusena é uma muzenza de Matamba, antes de sua feitura, ela estava começando o seu processo dentro da comunidade e por isso, desconhecia os processos realizados. Um desses processos, é que ao adentrar na cozinha, é necessário reverenciá-la com o maku.

²² Bater maku é uma atividade de reverência à divindade, ao sagrado. Este ato é realizado de cócoras, onde bate-se palmas compassadas e repetidas, primeiro um conjunto de três palmas espaçadas, seguida de sete palmas rápidas. Repete-se os conjuntos três vezes e encerra com uma palma final.

²³ Com as atividades do rito de Deká, do Tat'etu Nidenvulo, no sábado, foi realizado um Siksambe, para festejar e apresentar à sociedade, a passagem de Tata Kutala, para Tat'etu de Nidenvulo. Neste dia, aconteceria também um Siksambe, da divindade Angorô.

toca a Ngoma. Em seguida, é a vez do menino, nesse momento, os Tatas da casa o levantam nas costas e cumprimentam os quatro pontos novamente e ele se torna suspenso. Este ato de suspender é reconhecer que aquele sujeito, pode receber algumas responsabilidades dentro do Candomblé, que aumentarão com as que virão com a feitura de santo.

No Candomblé, é uma ensinagem o fato de que todos são reconhecidos a partir do seu caminho, da sua sina e que não há idade para você ser reconhecido como alguém que ensina algo, ou que possa ajudar a comunidade – não significa que a pessoa terá funções que não condizem com a sua idade, pois a criança no Candomblé é reconhecida como criança e assim sucessivamente. Entretanto, a criança é um sujeito e se o seu caminho for para ser uma ensinadora, ela será reconhecida e respeitada como tal. Esse reconhecimento faz com que todos os mais novos (ndumbis e muzenzas) vejam as crianças identificadas com autoridades de mãe e pai – tais quais os significados de Makota e Tata – ainda que sejam crianças.

Durante o momento ritual supracitado ocorreram processos bastante emblemáticos e reveladores de certos traços, como o da integralidade, o da circularidade, o da corporalidade, e o da ancestralidade. Sendo que, a integralidade, que acontece dentro do rito, ocorre de modo que todos sabem o que, o porquê, o para que, e como tudo está acontecendo; a circularidade física, ao circundar o espaço, e também no processo de transformação; a corporalidade na relação dos sujeitos, de segurar o braço, de carregar o outro, por exemplo; a ancestralidade, pois é uma ritualística imaterial e a misticidade pela vividez do ato. Assim, é possível dizer que a Ensinagem não é uma teoria sobre algo, mas um processo vívido e experiencial pelo corpo-terreiro.

O ato em questão evidencia que o processo educativo não é feito apenas por sujeitos adultos, pois se o caminho daquela pessoa for para se tornar um Tata ou Makota – que também são os educadores no Candomblé – eles poderão exercer os seus papéis. Este momento ritualístico também é uma passagem de graduação provisória, fazendo com que estas crianças se tornem os nossos mais velhos, e assim serão respeitadas. No Candomblé não há idade para que alguém seja um ensinador, muito menos para que seja aprendiz. Quem sabe ensina, e este é o seu mais velho.

Um educador no terreiro é o seu mais velho, não cronologicamente, pois o terreiro é atemporal (Machado, 2013). Assim, aquele que aprendeu e sabe, pela observação e participação, se torna um mais velho. A esse respeito, em certa ocasião Nidenvulo mostrou que o Candomblé é um estudo diário e que todos podem aprender com os seus mais velhos, independente da sua idade, é ensinado que não há idade para buscar aprender. Pois, um mais velho é um professor de uma pedagogia ancestral, ele é quem sabe, é ensinado aos mais novos a ouvir os seus mais velhos, pois eles possuem conhecimentos que desconhecemos. Sumbukenan, por exemplo, hoje é uma mais velha no terreiro e educa a todos os mais novos, seja pela fala, ou pelo seu silêncio.

No Candomblé o que define a pessoa é a sua atividade, não a sua idade. É ensinado que do mais novo, que está iniciando, até a pessoa que possui muita experiência, podem realizar as atividades que lhes são postas. É ensinado que todos têm o seu valor e podem participar como igual, dando oportunidade para que os mais novos aprendam com os mais velhos e vice e versa.

Há ainda a presença do entendimento da ancestralidade, em contraponto à cronologia, de modo que a ensinagem não é algo técnico, mas uma pedagogia que mantém as raízes que fundamentam a existência do lugar, o mais velho é educador por que viveu e aprendeu e passa o seu conhecimento para que o educando possa aprender e viver, e em um outro momento ensinar.

Outro aspecto importante é a “educação do silêncio”. Há momentos no terreiro em que o silêncio ensina. É aprendido que há momentos em que é necessário fazer silêncio para aprender com os outros sentidos: ver para aprender, ouvir para aprender, sentir para aprender, o silêncio é um educador convidando a ensinar.

Em uma comunidade tradicional de terreiro tudo está relacionado e em relação (Machado, 2013; Oliveira; Almirante, 2016), desde a vida animal, à vida vegetal, à vida mineral – pois as pedras são vivas – até a ausência de algo se transforma em um educador. O silêncio no terreiro possibilita uma educação pautada em sensações que são impossibilitadas pela fala. Em inúmeros momentos fomos convidados a ver, “sentir na pele”, apenas ouvir algo e perceber a partir do silêncio, que passa sobre nós e sussurra a abertura das percepções.

As Ensinagens e seus ensinadores possuem modos particulares de se relacionarem com o conhecimento, com o educando e educanda, e os modos de ensinar. A relação educadora – conhecimento – educando – modos de ensinar é significativamente outra, como evidenciado na seguinte situação descrita: na sexta-feira as funções rituais religiosas específicas cessam em respeito ao dia, que é o dia do Nkisi Lembarenganga, de modo que as atividades minimizam. Contudo, há processos coletivos e multiespaciais de ensinagens ao longo do dia. Na sexta-feira, por exemplo, a Makota Sumbukenan disse que iria reunir as moças para ensinar algo relacionado à vestimenta e aos motivos das vestimentas – pois no Candomblé nada ocorre sem um motivo. Essa reunião ocorreu sob o cajueiro, evidenciando que esses modos educativos são muito comuns em espaços outros que não em lugares predeterminados para esse propósito.

Ainda sobre a situação exemplar acima, no período da tarde em que Sumbukenan foi ensinar sob o cajueiro, a educadora sentou-se em um banquinho - imageticamente ela está ao lado de Zingamazô (de Nzingalumbondo) – ao lado de uma Ndumbi, e elas estão na mesma altura. Ela ensinou que não existem perguntas idiotas e que todos devem participar, também apresentou que cada pessoa é importante e que todos merecem respeito, ensinou que cada um faz parte de um todo e que o Candomblé deve ser união. Ensinou sobre hierarquia no Candomblé, e nesse momento desenhou no chão e demonstrou o papel de cada um nessa hierarquia, ao final todos participaram da conversa. Como já fora mencionado, esses processos não são estanques, esses atos de ensinagem que estamos trabalhando também não. A educadora convida os educandos para ensinar sobre questões referentes à religiosidade, para que eles saibam o motivo de algo – que parece simples, mas não é – como é o caso da indumentária feminina. No momento educativo, a makota que poderia – e que carrega esse direito – estar sentada em um espaço elevado, ela não o faz.

A educadora senta ao lado dos seus educandos, pois a horizontalidade nos modos de ensinar é uma característica das ensinagens, como também a realização desse processo em um espaço diferente, onde todos estariam em círculo e juntos, questionando a lógica cartesiana dos modos educativos formais.

As ensinagens apresentadas pela Sumbukenan possuem relação com as vivências daqueles que a ouvem, pois ela possibilita que o educando tenha voz e que seja participativo. Em sua fala, ela parte dos sujeitos e de suas vivências e orienta seus “estudantes” para a importância da coletividade, da autonomia, e para a imprescindibilidade do sujeito no processo e, ao exemplificar desenhando no chão, ela busca que todos olhem o ato educativo igualmente.

A Makota Sumbukenan procura “mostrar” que todos possuem conhecimentos, e que as vivências carregam atos educativos que podem ser ensinados, independente da caminhada religiosa, pois os sujeitos são constituídos de visões diversas. Ainda nessa atividade sob o cajueiro, ela ensina que se deve aprender com seus mais velhos e que o conhecimento deles é importante. A Makota Sumbukenan evidenciou que as crianças e os anciões tem preferência no Candomblé “a criança por ser o futuro e o ancião por ser nossa história”.

A fala da educadora apresenta um ponto necessário da questão educativa. A criança e o ancião são elementos chaves no terreiro, pela materialidade e pela análise do significado destes. A criança pode ser vista como o sujeito aprendente e o ancião o ensinador, de modo que ambos possuem equivalente importância para o todo, não há um alguém mais importante só porque sabe, nem menos por que desconhece.

Outros modos da relação: educadora – conhecimento – educando – modos de ensinar apareceram em momentos distintos, com a Makota Sumbukenan. Durante uma atividade, uma menina perguntou a Sumbukenan se ela queria ajuda, a Makota disse que não, mas que a menina poderia observar para aprender. Assim aconteceu, porque é ensinado que a participação no processo se dá também pela observação do que é feito, seja ralar uma cebola, abrir um coco, ou outra atividade.

Ademais, no processo de organização foi possível observar que a Makota ao ensinar convida a todas as mulheres para ensinar, o ensino não é compartimentado, é integral, pois ao ensinar apresenta o todo, é circular e ancestral.

Ainda sobre o processo de ensinar, com os preparativos para o recolhimento²⁴ de Nidenvulo, ações por nós observadas, as atividades se intensificaram. Fomos convidados a acompanhar Nidenvulo e Sumbukenan na compra de artigos de barro – potes, pratos, jarros e etc. A compra foi realizada no Quilombo Buriti do Meio, e foi possível conversar e ouvir sobre os aprendizados de terreiro. Nidenvulo falou que ele aprendeu - e vive - que no terreiro a forma de corrigir uma pessoa é a atividade de convidar a pessoa a pensar em outra possibilidade diferente do ato supostamente errado que ela tenha cometido. Sendo que, dessa forma, se entende que o erro não é potencializado, mas é uma possibilidade de acerto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação de axé é comprometida com o outro, com a vida, com a responsividade. Além disso, é um ato de amorosidade e afetuosidade, dialógico e que envolve a todas e todos; assim são as Ensinagens de Terreiro, que estão presente nas atividades rituais da Manzo diá Luango, comunidade quilombola e candomblecista na cidade de São Francisco – MG.

A Manzo diá Luango é uma comunidade quilombola que também é candomblecista de Angola, sua constituição e história ocorrem nas relações familiares consanguíneas de Tabanderê, Izominolê, Makudiandembu, Nidenvulo e Kiambianzazi como também na família de santo, que são educandas e se tornam educadores nos processos das Ensinagens de Terreiro.

O conjunto de atividades rituais do Candomblé é educativo. Os processos que são instituídos a partir das relações entre os sujeitos e sua religiosidade, a comunidade e os conjuntos rituais, operam encruzando as educações e as particularidades religiosas. Entretanto, como observamos, as educações instituídas no Candomblé, mais precisamente no Candomblé de Angola da Manzo diá Luango, não são unicamente fundamentações para a religiosidade, mas se relacionam com aprendências que dialogam com a vida material e social integral do sujeito aprendente.

Os atos educativos em questão relacionam o processo educativo de Matriz Africana com conceitos e designações mais complexas. Esses atos são potencialidades que justificam não apenas a presença de uma Educação Outra, como também modos significativos de ensinar – a ensinagem – e aprender – a aprendência.

Importa destacar que a Ensinagem de Terreiro possui relação com a concepção de encruzilhada, já trazida por Rufino (2019), enquanto um processo que subverte os parâmetros estanques e monológicos de entender o sujeito, realocando-o em um caráter pluriversal, dialógico e vivo. A encruzilhada educativa da Ensinagem são os caminhos que encruzados possibilitam inúmeros aprendizados, formações de sujeitos, relações humanas e ambientais – do Eu (Humano) com o Outro (Não Humano) e visões de mundo.

Os atos dessas Ensinagem ocasionam a relação do sujeito com a coletividade, os seus pares, os Outros, o alimento, com a identidade e cultura, a infância e os espaços educativos, o cuidado e muito mais. Além de possibilitar que o educando acesse uma ensinagem ancestral, que por meio da corporalidade, é uma experiência viva e cíclica, como também integral (Ferreira, 2022).

Portanto, o entendimento das ensinagens enquanto educação é fundamental, pois nesses modos educativos estão inscritas possibilidades outras, entendimentos que dinamizam as experiências das pessoas no que tange à Educação e ao aprendizado. Destarte, ela é necessária para uma prática educativa significativa, no sentido humano da palavra, além de conduzir o indivíduo no seu próprio trajeto vivencial, para que ele seja sendo.

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargo. Ensinar, aprender, apreender e processos de ensinagem. In: ANASTASIOU, Léa das Graças Camargo; ALVES, Leonir Pessate (Org.). *Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula*. 10^o ed. Joinville, SC: Editora Univille, 2015.

²⁴ Durante um processo ritual, ocorre o recolhimento do filho de Nkisi, em que passa por cuidados e fundamentos religiosos que os impedem de acessar o espaço externo “mundano”, por isso recolhimento. Antes de recolher-se, o Tat’etu Nidenvulo realizou atividades, como ir ao mercado e ao quilombo Buriti do Meio comprar objetos de barro.

- CAPUTO, Stela Guedes. *Educação nos Terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de Candomblé*. 1. ed – Rio de Janeiro: Pallas, 2012.
- FERREIRA, Tássio. *Pedagogia da Circularidade Afrocênica: diretrizes metodológicas inspiradas nas ensinagens da tradição do Candomblé Congo-Angola* / Tássio Ferreira. Salvador, 2019. 271 f.: il
- FERREIRA, Tássio. *Pedagogia da Circularidade: ensinagens de terreiro*. Rio de Janeiro: Telha, 2021. (Coleção Pensamento Negro Contemporâneo). 158 p.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- HORÁCIO, Heiberle H. (Org.). *Possibilidades para o trabalho nas escolas com a Educação para as Relações Étnico-Raciais, Diversidade Sexual e de Gênero, e para Justiça Social*. São Carlos/SP: Pedro e João Editores, 2023.
- LOPES, Nei. *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*/ Nei Lopes. – 4. ed. ver., atual. e amp. – São Paulo: Selo Negro, 2011.
- MACHADO, Vanda. *Pele da Cor da Noite*. Salvador: EDUFBA, 2013. 151 p.
- MAURÍCIO, George. *O candomblé bem explicado (Nações Bantu, Iorubá e Fon)/ Ode Kileu e Vera de Oxaguiã*; [organização Marcelo Barros]. – RJ: Pallas, 2009.
- NACIONAL, Biblioteca. *Para uma história do negro no Brasil*. — Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1988. 64 p.; il.; 20 cm.
- OLIVEIRA, Amurabi; ALMIRANTE, Kleverton Arthur de. Aprendendo com o Axé: processos educativos no terreiro e o que as crianças pensam sobre ele e a escola. *ILHA*. v. 16, n.1, p. 139-174, jan./jul. 2014
- RUFINO, Luiz. *Pedagogia das Encruzilhadas*. RJ: Mórula Editorial, 2019. 164 p
- RUFINO, Luiz. (2019). PEDAGOGIA DAS ENCRUZILHADAS Exu como Educação. *Revista Exitus*, 9(4), 262-289. Epub 15 de maio de 2020. <https://doi.org/10.24065/2237-9460.2019v9n4id1012>
- RUFINO, Luiz. *Vence Demanda: Educação e Descolonização*. 1. ed. – Rio de Janeiro: Mórula, 2021

CONTRIBUIÇÃO DAS/DOS AUTORES/AS:

Autor 1 – Concepção do trabalho, coleta de dados, análise dos dados e escrita do texto.

Autor 2 – Concepção do trabalho, análise dos dados e escrita do texto.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o presente artigo.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.